



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

ERYS AUGUSTO CARVALHO MARTINS SILVA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO SELF EM CRIANÇAS A
PARTIR DO FILME “ONDE VIVEM OS MONSTROS”: uma análise humanista.

Palmas - TO

2018

ERYS AUGUSTO CARVALHO MARTINS SILVA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DO SELF EM CRIANÇAS A
PARTIR DO FILME “ONDE VIVEM OS MONSTROS”: uma análise humanista.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito final cumprindo as exigências do curso de bacharel em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof. Me. Carolina Santin Cótica

Palmas - TO

2018

ERYS AUGUSTO CARVALHO MARTINS SILVA

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIENCIA DO SELF EM CRIANÇAS A
PARTIR DO FILME “ONDE VIVEM OS MONSTROS”: uma análise humanista.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e
apresentado como requisito final cumprindo as
exigências do curso de bacharel em Psicologia do
Centro Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Me. Carolina Santin Cótica

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Carolina Santin Cótica Pinheiro

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Pro Me. Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas

2018

RESUMO

O presente estudo de TCC tem como objetivo utilizar o método de análise de filmes. Foi realizada a análise do filme “Onde vivem os monstros”, com o intuito de através da mesma chegar ao resultado esperado que é explicar a formação, conscientização, processo de Self na infância. Para chegar ao objetivo proposto, foi feita uma revisão bibliográfica da literatura disponível acerca da psicologia humanista, que traz conceitos que explicam os processos apresentados no decorrer do trabalho. O conteúdo discorrido no presente estudo, elucida o processo de conscientização de self na infância, através da experiência no decorrer da vida, formação da personalidade do ser humano, e as relações que podem dificultar e contribuir para o crescimento psicológico.

Palavras Chaves: Self, Humanismo, Infância, Atualizante

ABSTRACT

The present CBT study aims to use the method of film analysis. An analysis of the movie "Where the monsters live" was carried out, with the purpose of obtaining the same result that is explanatory of a formation, awareness, process of Self in childhood. To reach the proposed objective, a bibliographical review was presented on the question of humanistic psychology, which brings the ones that explain the processes presented in the course of the work. The discrete content in the present study, elucidated the process of self-awareness in childhood, through the experience in the course of life, the formation of the personality of the human being, and relationships that can hinder and contribute to psychological growth.

Keywords: Self, Humanism, Childhood, Updating

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pirâmide de Maslow	6
-------------------------------------	---

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PERCURSO TEÓRICO	11
2.1 Perspectiva Humanista	11
2.2 Conceitos principais da teoria humanista	14
2.4 formação de self na infância segundo abordagem centrada na pessoa	17
2.5 Relacionamento Interpessoal e Ambiente Favorável.	20
2.5.1 TENDÊNCIA ATUALIZANTE E INFÂNCIA	24
3 METODOLOGIA	27
4 ONDE VIVEM OS MONSTROS	28
4.1 CENA 01: CAMPO EXPERIENCIAL	30
4.2 CENA 02: SELF IDEAL E INCONGRUÊNCIA	33
4.3 CENA 03: FASE NÃO-DIRETIVA	35
4.4 CENA 04: AUTENTICIDADE E INSIGHT	37
4.5 CENA 05: EMPATIA E ACEITAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL	39
4.6 CENA 06: SELF REAL E CONGRUÊNCIA	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A psicologia humanista traz ideias que elucidam a proposta no decorrer do presente estudo, que através do estudo literário, compreender a conscientização do self na infância, elucidando dificuldades, facilitadores e benefícios.

O presente estudo de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado como: Formação da consciência do Self em crianças a partir do filme “Onde vivem os monstros”: uma análise humanista teve como objetivo utilizar pesquisa bibliográfica acerca da temática examinada. Gil (2013, p. 61) descreve que pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, Rauhen (2002, p. 55) vai ao encontro com a ideia descrevendo que “a vantagem da busca do acervo bibliográfico é a amplitude de assuntos passíveis de estudo”.

O cinema é um meio de comunicação que tem por objetivo propagar ideias, conceitos, experiências, reflexões, conceitos em massa, tendo em visto que, segundo Duarte (2002, p. 18),

O homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica que se faça do que isso significa e muito da percepção que temos da história da humanidade talvez esteja irremediavelmente marcada pelo contato que temos/tivemos com as imagens cinematográficas.

Entende-se que o cinema nos possibilita a utilizar um tema no qual possamos trabalhar em cima da ideia proposta no mesmo, vemos isso em diversas análises de filme cujo um tema vai de encontro com todo e/ou parte do contexto apresentado pelo filme.

O cinema tenta o máximo se aproximar da realidade, essa aproximação permite que os públicos absorvam a ideia proposta pelo diretor e/ou roteirista. Tal aproximação, mesmo que saibamos que é um contexto que não é real, nos emociona e vivemos como se fosse real, justamente por interpretar a vida e remeter a experiências e a vida de cada sujeito em sua subjetividade e contexto social/familiar (LOTMAN, 1978).

Turner (1997, p. 73) explica que desde o início percebemos o mundo por meio de histórias:

[...] o mundo 'vem até nós' na forma de histórias. Desde os primeiros dias da nossa infância, nosso mundo nos é representado por meio de histórias contadas por nossos pais, lidas nos livros, relatadas pelos amigos, ouvidas nas conversas, compartilhadas entre grupos na escola, disseminadas no pátio do refeitório. Isso não significa dizer que todas as nossas histórias explicam o mundo. Em vez disso, a história na qualidade narrativa nos fornece um meio agradável, inconsciente e envolvente de construir nosso mundo. A narrativa

pode ser descrita como uma forma de 'dar sentido' ao nosso mundo social e compartilhar esse 'sentido' com os outros.

Turner (1997) ainda reflete que é através de nossas experiências, sejam elas vividas, subjetivas ou coletivas que compreendemos as imagens e damos significados a elas. É possível que reconheçamos e atribuamos características que, em comum com as que vivenciamos, que vão ser elaboradas e farão sentindo para nós. Assim,

a mera percepção das pessoas e do fundo, da profundidade e do movimento, fornece apenas o material de base. A cena que desperta o interesse certamente transcende a simples impressão de objetos distantes e em movimento. Devemos acompanhar as cenas que vemos com cabeça cheia de ideias. Elas devem ter significado, receber subsídios da imaginação, despertar vestígios de experiências anteriores, mobilizar sentimentos e emoções, atizar a sugestibilidade, gerar ideias e pensamentos, aliar-se mentalmente à continuidade da trama e conduzir permanentemente a atenção para a um elemento importante e essencial – a ação (MUNSTERBERG, 1983, p. 27).

A imagem que vemos precisa fazer sentido para quem está vendo-as, pois através desse sentido que serão despertados significados a partir da mensagem que lhe é transmitido, nos dando a sensação de quebrarmos esse contato “distante” com o filme. Sobre isso, diz Metz (1977, p. 16):

Mais do que o romance, mais do que a peça de teatro, mais do que o quadro do pintor figurativo, o filme nos dá o sentimento de estarmos assistindo diretamente a um espetáculo quase real [...]. Desencadeia no espectador um processo ao mesmo tempo perceptivo e afetivo de participação [...], conquista de imediato uma espécie de credibilidade – não total, é claro, mas mais forte do que em outras áreas, às vezes muito viva no absoluto –, encontra o meio de se dirigir à gente no tom da evidência, como que usando o convincente “É assim” [...].

Essa aproximação permite que possamos fazer uma análise sobre o filme a partir de um tema proposto em diferentes áreas.

Merleau-Ponty (1945-1983) afirma que a Psicologia da Gestalt aporta conhecimento sobre a percepção do ser humano que nos permite fazer reflexões sobre o que o cinema reproduz em relação aos seus efeitos e sobre o homem:

[...] é porque, desde o nível simples da visão das cores, minha percepção não se limita a registrar aquilo que lhe está prescrito pelas excitações da retina, porém reorganiza-as em função de restabelecer a homogeneidade do campo” (MERLEAU-PONTY, 1983, p.103).

Nesse caso, com o tema proposto, a análise do filme terá como intuito analisar enquadramentos e aspectos estruturais do personagem principal Max, utilizando referencial teórico da perspectiva humanista dentro da psicologia. Tendo em vista que o cinema produz

para o profissional/estudante de psicologia tendo em vista sua capacidade abrangente de fornecer material para o estudo da psicologia, e o enfoque clínico (SANTEIRO; BARBOSA, 2013).

O cinema não resulta na elaboração/representação do real, mas o real é representado nos filmes (MITRY, 1989). Portanto, cabível que a análise do filme seja feita na perspectiva humanista e as contribuições que mesma proporcionara ao leitor,

O filme “Onde vivem os monstros” é inspirado na obra homônima do autor Maurice Sendak (1928-2012), dirigido por Spike Jonze. A trama narra a história de uma criança chamada Max, de 06 anos de idade, que convive com a mãe e a irmã adolescente.

O filme mostra Max como uma criança solitária, que tenta se comunicar com a irmã, porém, é rejeitado. Seu contato com a mãe é mínimo. Em um episódio de ciúmes da mãe com seu namorado, Max começa a gritar com sua mãe, exclamando palavras de ordem. Sendo inibido pela mãe, ele então a morde e a mesma o chama de “monstro”. Acometido por um ímpeto de raiva, a criança corre pelas ruas, atravessa oceanos, até chegar numa terra distante, povoada de seres anímicos e monstruosos. O convívio com estas criaturas permitirá que Max identifique e elabore sentimentos por ele mesmo desconhecidos.

Utilizando de material documental, a proposta de tal estudo foi explicar, por meio da análise de filmes, como ocorre a formação do Self em crianças na perspectiva humanista. Quando oportuno, utilizou-se também da contribuição de outras abordagens sobre este olhar clínico para o fenômeno estudado. Não só por acreditar que as demais abordagens podem enriquecer o proposto trabalho, mas também pela dificuldade encontrada na busca por autores e literaturas sobre o tema proposto no contexto infantil.

Desta forma o objetivo geral foi o de compreender o processo de Consciência do Self em crianças a partir do filme “Onde Vivem os Monstros”. Tendo como objetivos específicos, verificar teoricamente o processo de formação da Consciência do Self na infância no enfoque Humanista; identificar, teoricamente, os fatores que contribuem para o processo de Tornar-se Pessoa, através das Relações Interpessoais e do Ambiente Favorável; compreender os benefícios da conscientização do *Self* na infância.

Este estudo de Conclusão de Curso, justificou-se por trazer da literatura a importância de formação da consciência do *Self* em crianças. Tal proposta, por si só foi de extremo desafio, pois o *Self* é uma estrutura do ser humano de maior compreensão na fase adulta, contudo, tal desafio começa ainda na infância.

O que somos se não as nossas interações em diversos aspectos de nossas vidas? Tais como: relações interpessoais, ambiente, família, afetividade e etc., afinal, um dos nomes mais

importantes da psicologia humanista, Carl Rogers, baseou-se nas suas experiências em boa parte de sua teoria elucidando que as experiências do ser humano são atualizadas no decorrer da sua história pessoal de vida, desde a infância.

Os desafios da vida começam na infância, com a necessidade afetiva que é inerente a todo ser humano, a de ser amado. Esses são os primeiros contatos que a criança tem com a formação do *Self*, através das experiências que a criança tem externamente. Esse contato com o outro é negativo e/ou positivo; à medida que a criança cresce, desenvolve uma necessidade afetiva, de ser amada e aceita.

Negar sentimentos na infância, na maioria das vezes, cria uma discrepância entre o que se é experimentado e como é interpretado conscientemente, e isso perpetua no sujeito até as outras fases da vida. Uma das consequências é a não elaboração de certos sentimentos, geralmente desagradáveis e que não foram aceitos pelas pessoas, tal como, não gostar de uma pessoa, ou de uma determinada situação. Os resultados podem ser ansiedade, transtorno do pânico, retraimento, e outros transtornos associados a auto realização inibida pelo não contato saudável com o *Self*.

Tal estudo teve uma relevância acadêmica por acreditar que a contribuição exposta no decorrer do TCC ajudou a compreender o fenômeno da formação do *Self* em crianças, e como o contexto em que a criança está inserida pode proporcionar uma maior facilidade para que o organismo se auto realize. Como dito antes, ainda a poucos estudos sobre essa formação do *Self* e desses desafios na infância, e as literaturas vistas sobre, remetem ao contexto clínico.

A importância em elaborar e fazer tal projeto, foi estender a teoria humanista a vários pontos onde pode se aplicar e enxergar a psicologia. O desafio em buscar referenciais e autores sobre o assunto, tornou ainda mais importante a necessidade de desenvolver o projeto sobre a conscientização do self em crianças. Se tais dificuldades começam na infância, acredita-se também que, um crescimento saudável – aqui abordado na perspectiva humanista - fará com que as facilidades, e as inúmeras elaborações do *Self*, tendem a ocorrer sem grande complexidade na fase adulta.

Sendo assim, a importância do presente estudo é apresentar um suporte familiar e social para uma melhor compreensão da contribuição para a criança se desenvolver saudável psicologicamente tornando-a um sujeito capaz de compreender sua história de vida sem maiores complicações na fase adulta.

2 PERCURSO TEÓRICO

2.1 PERSPECTIVA HUMANISTA

Para uma melhor conceituação da abordagem humanista, precisa-se fazer um resgate histórico de sua conceituação e concepção nos terrenos das ciências humanas e da psicologia.

O behaviorismo clássico ou mais conhecido como metodológico, que tem como principal teórico John B. Watson (1878-1958) abandonou com o tempo estudos dos processos mentais, como sentimentos, pensamentos, por comportamento observáveis que, segundo Watson, é o que de fato se pode estudar cientificamente. Estímulo, resposta “S-R”, ou seja, todo comportamento é causado por um estímulo, perspectiva que mais tarde é aperfeiçoada. Lashley (1923, p. 238) citado por Strapasson (2017, p. 83) representa bem o Behaviorismo Metodológico afirmando que “fatos da experiência consciente existem, mas não servem a nenhuma forma de tratamento científico”.

O behaviorismo radical tem como principal teórico B. F. Skinner (1904-1990), que não nega os processos privados, porém segundo ele, são comportamentos. Diferente do behaviorismo metodológico, que estuda o estímulo, resposta, o behaviorismo radical inclui uma característica da condição humana que é a consequência “R - S -> R”. O estímulo “S” do ambiente traz uma probabilidade de resposta “R”, essa resposta é acompanhada de uma consequência, dependendo da consequência, negativa ou positiva, tal comportamento poderá ou não vir a se repetir. "o comportamento é uma matéria difícil, não porque inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado pela observação" (SKINNER 1953/1981; p. 27)

A psicanálise tendo como fundador e principal teórico Sigmund Freud (1856-1939), acredita que conteúdos inconscientes estão relacionados as doenças psicológicas do ser humano, Freud acredita que para as pessoas serem curadas, há uma necessidade de trazer a consciência experiências e emoções reprimidas que se encontram inconscientes.

Freud dedicou-se a estudar o inconsciente e suas contribuições para o sofrimento psicológico do ser humano.

O principal método da psicanálise é a interpretação da transferência e da resistência com análise da livre associação. O analisado em uma postura relaxada passa a contar tudo o que vem em sua mente, incluindo sonhos, desejos, fantasias etc, bem como as lembranças dos seus primeiros anos da sua vida (ORDEM NACIONAL DOS PSICANALISTAS, s/d).

Em alternativa às duas principais vertentes da psicologia apresentadas acima, no meio do século XX surgiu a psicologia humanista, cuja principal característica é o homem como centro, não somente o passado e nem influencias externas. A psicologia humanista vê o ser humano na sua complexidade, como um todo. Holanda (1997, p. 16) defende que

[...] a psicologia humanista nasce, pois, da necessidade de ampliar a visão do homem, que se achava limitada e restrita apenas alguns aspectos, a alguns elementos, segundo as perspectivas behavioristas e psicanalítica.

A psicologia humanista tem como principais teóricos Abraham Maslow (1908-1970) e Carl Rogers (1902-1987), que defendem a ideia de um ser humano como um todo, interagindo em muitas áreas da sua vida no decorrer de sua existência.

Abraham Maslow tinha influência comportamentalista, mas a abandona no decorrer de sua vida, por acreditar que o ser humano possui uma força inata, internalizada para se tornar auto realizadora. A partir do estudo com pessoas saudáveis, Maslow (1908-1970) estruturou uma pirâmide hierárquica que, segundo ele, contém as necessidades inatas dos seres humanos (Figura 1). Tais necessidades são apresentadas na pirâmide por ordem de importância na busca por saciedade na seguinte ordem: necessidades fisiológicas básicas; necessidade de segurança; necessidades sociais; autoestima; e auto realização.

1. **Necessidades fisiológicas:** As necessidades fisiológicas são as necessidades básicas de todo ser humano, tais necessidades são primárias e incluem; respirar, comer, beber água, dormir...necessidades biológicas. Maslow classifica essas necessidades como sendo primárias, mas que predomina a todas as outras, tornando as demais como secundárias a essas necessidades.
2. **Necessidade de segurança:** A necessidade de segurança do ser humano está ligada diretamente ao medo da perda. Sendo secundária as necessidades primárias, essa necessidade só irá surgir se a primeira for satisfeita, caso contrário não pelo o que temer, e consequentemente não haverá um plano de necessidade ligada a proteção, segurança física, emprego, renda, familiar, saúde e etc.
3. **Necessidade de filiação:** Segundo Maslow são as necessidades menos básicas, quando as outras duas forem satisfeitas essa passa a se tornar uma necessidade. Estas necessidades estão ligadas a relações interpessoais, tais como; amor, carinho, filiar-se a um grupo social, familiar, no intuito de suprir sentimentos relacionados s solidão. Tal necessidade está presente diariamente no decorrer da vida.
4. **Necessidade de reconhecimento:** As necessidades de reconhecimento surgem depois das outras três serem supridas. Tais necessidades estão ligadas a autoestima, auto reconhecimento, realização individual, respeito dos outros, tendo isso, a pessoa ira sentir-se mais segura de si,

sentindo-se valorizado. Quando tais necessidades não são realizadas a tendência é que a pessoa se sinta desvalorizada, sentimento de inferioridade. Segundo Maslow existem dois tipos de reconhecimento, um menor, que inclui respeito, status, fama, reconhecimento, e uma maior ligado a autoestima, como sentimentos de confiança, realização, autoestima.

5. **Necessidades de auto realização:** Esse nível atingido pelo ser humano, demonstra que as circunstância de vida favoreceram para que se chegasse nesse topo hierárquico da pirâmide de Maslow. Tais necessidades incluem buscas por realizações internas, espiritual, emocional, moral, dispor-se a ajudar. É a busca do homem em continuar satisfazendo-se depois de suprir todas as outras necessidades.

Na Figura 1 há uma representação gráfica da pirâmide de Maslow:

Figura 1: Pirâmide de Maslow



Fonte: <https://blog.softwareavaliacao.com.br/piramide-de-maslow/>

Rogers, o segundo autor de maior influência para abordagem humanista, priorizou desde seus primeiros escritos o valor humano. Ao contrário da teoria de auto atualização proposta por Maslow, a teoria e o trabalho de Rogers debruçou-se sobre as pessoas emocionalmente frágeis, cunhando ao conceito de Tendência Atualizante.

Podemos definir a Tendência Atualizante como uma força inata que os seres humanos têm de atualizar as capacidades e potenciais do Eu, que ele chama de *Self*. Rogers (1980), citado por Brodley (2013, p. 123) defende que

todas as motivações devem-se à tendência orgâsmica para a realização. Há uma fonte central de energia no organismo. Esta fonte de energia é uma função em que podemos confiar e que pertence, mais ao sistema, como um todo, do que a uma das suas partes. É simplesmente entendida como uma

tendência dirigida para a realização, para a actualização, envolvendo, não só a sobrevivência, como também a valorização do organismo.

A tendência atualizante, segundo Rogers como dito acima, é o que impulsiona o ser humano à vida, não em separadas partes do organismo humano, mas nele como um todo, é uma força que se dirige sempre as realizações do sujeito. Ou seja, essa força fundamental nos estudos teóricos do Rogers tem papel fundamental para as satisfações do sujeito e suas realizações.

Para que o sujeito chegue a tal condição descrita por Rogers, há uma série de implicações que podem ou não facilitar a tendência que há em nosso organismo de atualizarmos, como veremos mais a frente, as implicações vão de relações interpessoais até o ambiente.

2.2 CONCEITOS PRINCIPAIS DA TEORIA HUMANISTA

Os conceitos básicos da teoria de Carl Rogers no que se refere a personalidade é de que toda pessoa tem a capacidade de experimentar, construir e mudar opiniões a respeito de si mesma no decorrer da sua história de vida e a elaboração de suas experiências com as mesmas (FADIMAN; FRAGER; 2002)

Crianças, de modo geral, tendem a experimentar essas sensações de maneira mais sensível. Há uma estrutura na qual chamamos de campo fenomenal, no qual as pessoas experimentam de forma subjetiva eventos, percepções, sensações, estímulos dos quais muitas vezes não estão acessíveis a consciência (ROGERS, 1976).

É um mundo privado que pode corresponder ou não com a realidade objetiva do sujeito em questão, contendo “tudo o que se passa no organismo em qualquer momento, e que está potencialmente disponível à consciência” (ROGERS 1976, p. 161). Esse campo fenomenal, onde estão as experiências subjetivas dos sujeitos, é visto com clareza em crianças, quando de maneira única, experimentam os estímulos à sua volta.

Dentro dessa estrutura pode-se ver o *Self*, que na perspectiva humanista não é uma estrutura estável, na qual não ocorre mudança, é sim, uma estrutura que se modifica no decorrer da vida, e pode mudar de acordo com o que o sujeito experimenta, assim descreve Rogers (1959, p. 167) citado por Fadiman e Frager (2002, p. 226)

Essencialmente é uma Gestalt cuja significação vivida é suscetível de mudar sensivelmente (e até mesmo sofrer uma reviravolta) em consequência da mudança de qualquer destes elementos.

O *Self* é um autoconceito, uma visão adquirida no campo fenomenal na qual estão experiências passadas, que podem ser elaboradas caso a pessoa entre em contato com os

assuntos que ainda não estão acessíveis à consciência. Stobäus afirma que o autoconceito se forma por meio da:

[...] retroalimentação do ambiente social e físico, já que esta retroalimentação fornece chaves que ajudam a pessoa a descrever o tipo de indivíduo que ela é, definindo as fronteiras de seus envolvimento e compromissos que subjacem às presunções que ela faz sobre como deve ser tratada pelos outros e como deve tratar os outros (STOBAUS, 1983, p. 63).

Além das experiências passadas, esse autoconceito implica as estimulações presentes, e expectativa no futuro, como visto a seguir:

É esta diferença, esta ênfase na mudança e na flexibilidade, que fundamenta sua teoria e sua crença de que as pessoas são capazes de crescimento, mudança e desenvolvimento pessoal (FADIMAN; FRAGER, 2002, p. 227 na ed. bras.).

Segundo a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), o *self ideal* é “o conjunto das características que o indivíduo mais gostaria de poder reclamar como descritivas de si mesmo” (ROGERS, 1959, p. 165); sendo descrito como uma estrutura móvel, que se modifica.

No que se refere ao *Self Ideal*, existe um desconforto, insatisfação, descontentamento neurótico. Aceitar-se como és, passa a ser um fardo ao sujeito, e esse não “aceitar como sou”, é questão de saúde mental, e implica diretamente no constructo psicológico do sujeito.

Para Fadiman e Frager (2002, p. 227), “aceitar-se não é resignar-se ou abdicar de si mesmo; é uma forma de estar mais perto da realidade, de seu estado atual”. À medida que esse ideal de *Self* construído pelo sujeito se distância da realidade, do sujeito em si, se torna uma barreira para o crescimento pessoal do sujeito.

Entendemos por *Self* idealizado pelo sujeito, uma estrutura psíquica distante da realidade do sujeito, por isso se torna uma barreira, quanto mais o sujeito idealiza conteúdos na maioria das vezes utópicos, menos congruência e aceitação com quem de fato ele é. Exemplo desse distanciamento são as questões emocionais referidas as crianças;

Como discorrem Guimarães e Silva (2015), podemos ver essa diferença em crianças que tem uma ideação de *Self* construída nas relações interpessoais e principalmente familiar, a criança experimenta e vive as sensações numa Gestalt, quase não se tem uma perspectiva diferente do mundo real e objetivo.

Se a mãe exclama – Você me mordeu, sai daqui seu monstro. A criança vai entender essa frase como uma definição de quem ela é numa totalidade. Então qual a ideação do eu (*Self Ideal*) e o que de fato eu sou (*Self*), qual o autoconceito que a criança terá sobre si, se

num momento ela tem a capacidade de ajudar a mãe a escrever um livro, e num outro momento ela é um monstro.

Como descrito por Fadiman e Frager (2002), a congruência é a exatidão, o que nós conseguimos experimentar o contexto, incluindo a comunicação e a tomada de consciência, a partir dessa experiência que se encontra no campo fenomenal. Toda essa estrutura descrita acima tem relação na discrepância entre o que se é experienciado e a tomada de consciência, no caso, o comprometimento entre haver concordância experiência e tomada de consciência, de ocorrer de maneira saudável, tornará o sujeito incongruente.

Ainda segundo esses autores, haver um alto grau de congruência significa que a verbalização, a experiência e a tomada de consciência são todas semelhantes. Crianças tendem a experimentar e serem congruentes de maneira natural, quando estão com fome, comem! Quando estão tristes, choram! Isso pode explicar porque as crianças são mais suscetíveis a mudança de humor, no estado emocional constante, a criança expressa seus sentimentos.

Essa congruência tem relação direta com o ajuste emocional/psicológico no autoconceito, quando estamos experimentando uma relação na qual podemos ser ao invés de estarmos devido as circunstâncias, o discurso é mais claro no que se relaciona a experimentação e a consciência. “Congruência pode ser definida como o grau de exatidão entre a comunicação/expressão e o que realmente ocorre conosco, relacionando-se, portanto, a uma tomada de consciência da experiência” (INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP 2013, s/p).

Contrária à congruência, a incongruência ocorre quando há, conforma mostra Branco (2012, s/p), “uma tensão entre o que se experimenta e o que o eu (*self*) elabora em termos de autoconceito, percepção e campo fenomenológico, podem ocorrer simbolizações distorcidas, intercepções ou negações do vivido”. Nesse entendimento, a incongruência é facilmente confundida, um sujeito que apresenta tais características pode ser dito como uma pessoa que não quer entrar em contato com a verdade, ou até mesmo um sujeito que está fugindo de responsabilidades.

Para Fadiman e Frager (2002), a incongruência na verdade é a falta de habilidade do sujeito em perceber de fato aquilo que lhe ocorre, e também a inabilidade de se comunicar de maneira mais precisa. Podemos perceber a ocorrência da incongruência quando uma criança quer expressar o que sente, mas prefere inibir com medo de sofrer represália, um exemplo claro disso, é quando a criança chora por causa de alguma circunstância, e mãe o repreende pedindo para engolir o choro. Esse comportamento da mãe, que nada facilita que a criança

tenha consciência do *Self*, fará com que a criança se distancie ainda mais, gerando problemas futuros.

A maneira mais comum, em que as pessoas apresentam a incongruência, e que mais é trabalhada junto aos terapeutas é a repressão. Há uma discrepância entre a tomada de consciência e a experiência, a pessoa de fato não sabe o que está fazendo. Outra característica é a comunicação ser diferente da tomada de consciência, o sujeito, a pessoa não consegue verbalizar aquilo que de fato está sentindo. Muito fácil de ser confundido pelo senso comum, as pessoas tendem a caracterizarem indivíduos com essas características como mentiroso, malicioso, sem caráter.

O que ocorre é que as pessoas com esse tipo de incongruência não conseguem expressar sentimentos, vontades, emoções, percepções devido a experiências passadas, o que revela a falta de autocontrole e consciência pessoal. “Quando a incongruência é uma discrepância entre a tomada de consciência e a comunicação a pessoa não expressa o que está realmente sentindo, pensando ou experienciando” (FADIMAN; FRAGER, 2002, p. 228), a incongruência é experimentada pelo sujeito de maneira sutil, na qual o sujeito não consegue separar sentimentos e expressados genuinamente, daqueles que são impostos.

Quando a relação entre sujeito e ambiente, quando digo ambiente, inclui todas as implicações que nele há; relação interpessoal, convívio social, família, relações não são facilitadoras para essa relação do eu (self) comigo mesmo, dificulta a tomada de consciência, experiência e a verbalização do sujeito, pois como citado acima, uma das implicações nesse processo é o estímulo que o sujeito sofre do ambiente no qual está inserido.

É importante observar que esta tendência atualizante é o postulado fundamental de nossa teoria. A este respeito, lembremos a noção do eu (self). O eu (self) nada “faz”, representa simplesmente uma expressão da tendência geral do organismo para funcionar de maneira a se preservar e se valorizar (ROGERS, 1959, p. 160).

A tendência atualizante é uma força inata no organismo no ser humano, tem por objetivo natural sempre tornar o sujeito saudável tanto organicamente quanto psicologicamente. Essa tendência atualizante não é apenas mais motivo

2.4 FORMAÇÃO DE SELF NA INFÂNCIA SEGUNDO ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Uma teoria desenvolvida por Rogers, segundo Scartezini, Rocha e Pires (2011) é que o indivíduo usa suas próprias experiências para se definir, como discorrem, existindo então, um campo de experiências subjetivo de cada indivíduo.

O *Self*, portanto, pode ser caracterizado como um campo onde o indivíduo organiza suas percepções e conceitos acerca de si mesmo, que vão desde conteúdos internos do

organismo até os externos, como os valores adquiridos e percebidos pelo mesmo, como afirmam Rogers; Kinget (1977, p. 44 *apud* MAIA, GERMANO, MOURA, 2009, p. 37):

[...] é uma estrutura, isto é, um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo. Como exemplo dessas percepções citemos: as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o indivíduo reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe constituindo sua identidade. Esta estrutura perceptual faz parte, evidentemente – e parte central – da estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo em cada momento de sua existência.

Sendo assim, o *Self* é uma condição do indivíduo na qual o mesmo conscientemente tem a capacidade de refletir sobre si, dar significados com os quais se identifica e consegue perceber a realidade acerca do que é experimentado.

A importância da formação do *Self* em crianças, não é só chegar a esse ponto, mas como todo um contexto que incluem; relações interpessoais, ambiente, e de como isso é experimentado pela criança. É desde a infância que começamos a construir e tomarmos consciência de quem somos, e os obstáculos ao crescimento são muitos, pois na maioria das vezes, somos condicionados a sermos e nos comportarmos de maneira incongruente com o que realmente sentimos. Essa incongruência experimentada/vivida na infância, além de ser prejudicial nesse momento da vida do sujeito, implica em sofrimentos futuros. Quando o contexto favorece, o processo de construção do *Self* é facilitado, pois podemos ser, e nos reconhecer através do olhar do outro, facilitando o crescimento psicológico saudável.

Rogers defende a ideia de autoconceito como sendo um padrão organizado e contínuo expressado pelos seres humanos, desde a infância. Na medida em que, no decorrer da sua vida, vão se acumulando experiências. Tal condição de autoconceito pode ser reforçado ou não, no caso, substituído por novos, que começam na infância. Stobäus (1983, p. 55) considera que o autoconceito “[...] fornece um quadro referencial para o próprio sujeito, propiciando-lhe uma visão globalizadora da sua própria pessoa”.

Mesmo sendo inerente ao ser humano, as experiências na infância podem ou não ajudar a auto realização. De acordo com Piaget (1975) citado por Kramer (2000, p. 29)

o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e que os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento.

Essa combinação descrita por Piaget é o que pode se observar nas relações familiares e interpessoais nas quais a criança está inserida e que complementam as ideias de Rogers no

que se refere ao que será designado por desenvolvimento do sujeito em relação ao *Self*, desde a infância.

Alguns aspectos dentro do contexto no qual a criança está inserida se tornam essenciais para que haja essa formação do *Self* nas mesmas, por isso, é muito importante que o mesmo seja experimentando por crianças, como afirmam Maia, Germano e Moura (2009, p. 37)

Nos primeiros anos de vida, a realidade para os indivíduos se resume à sua experiência que é acompanhada por um processo avaliativo do mundo nos seguintes critérios: o que se percebe sensorialmente como algo agradável é atribuído um valor positivo⁴ e o que não é percebido como agradável, o contrário.

Os aspectos afetivos e emocionais são de vital importância nesse período da vida, que está em desenvolvimento. A criança desenvolve uma necessidade de amor, afetividade, emoções, que vão de encontro a necessidade de se sentirem aceitas. No geral, crianças experimentam, e se desenvolvem vivendo por essas aprovações fragmentadas pautadas em sentimentos. A criança “acaba por ser guiada, não pelo caráter agradável ou desagradável de suas experiências e comportamentos, mas pela promessa de afeição que elas encerram” (Rogers, 1959, p. 200).

Guimarães e Neto (2015, p. 30) afirmam que:

[...] por mais que o indivíduo perceba que determinadas experiências reprovadas pelos seus pais, façam parte de seu *self*, ele descarta buscando a aprovação destes. Contudo, ao fazer isso, a sua percepção de si começa a ser distorcida, uma vez que seu organismo sente e deseja ser de outro modo, mas racionalmente ele não se permite para não perder a aprovação de seus pais.

Sendo assim, a criança então, começa a agir e se comportar de forma com que lhe são garantidos sentimentos, agindo contrário ou a favor ao que elas sentem, negando o que de fato são e de seus genuínos sentimentos. Tal condição é prejudicial, pois além de negar o que se sente e toda a mensagem expressada através da mesma, a identidade da criança através de sua estrutura sentimental é posta sobreposta pela a dos outros.

A formação do *Self* em crianças tem importância primordial para que ela se desenvolva nesse período um tanto quanto conturbado, pois é quando são bombardeadas de informações acerca de todo o contexto em que se está inserido, principalmente sobre quem somos. Nessa fase, ficam mais acentuados os obstáculos ao crescimento psicológico, o que distancia ainda mais dessa compreensão e aceitação de quem somos, pois somos induzidos a crer que nessa fase, o certo é sermos quem os outros espera ou deseja que sejamos (FADIMAN; FRAGER, 2002).

Essas atitudes de renegarmos os nossos sentimentos, de nos comportamos de maneira com a qual não queremos de fato, e nos adequarmos ao contexto de modo que não sejamos de

maneira genuína, nos distancia da congruência, nos tornamos incongruentes, o que cria uma discrepância entre quem somos e o conceito de *Self*. (FADIMAN; FRAGER, 2002).

Esse problema, já descrito acima, persiste no decorrer do desenvolvimento do sujeito, pois a experiência no campo fenomenal que a criança teve foi que expressar, verbalizar seus sentimentos sejam eles “ruins” ou “bons” vão lhes garantir reprovação à medida que se expressar é de certa maneira errada se você não se adequa ao contexto. Contexto esse que envolve relações interpessoais, social, afetividade.

Fadiman e Frager (2002, p. 231) afirmam que “para sustentar a falsa autoimagem a pessoa continua a distorcer experiências- quanto maior a distorção maior a probabilidade de erros e da criação de novos problemas”. Esses problemas irão se manifestar com o tempo, pois expõem o sujeito a uma vulnerabilidade psicológica. Comportar-se de acordo com o outro, é uma defesa construída pelo sujeito com o intuito de se encaixar e ser aceito, quando essa defesa se desfaz, o aspecto vulnerável do sujeito ira se apresentar em diversas formas, tais como; ansiedade, pânico, retrair-se, autoestima baixa e demais problemas de ordem psicológica afetiva.

Teoricamente, tais situações não se desenvolveriam se a criança pudesse se sentir aceita acerca de quem ela é, quer ser e tornar-se, o que veremos mais à frente. Pois tal condição favorável, facilitaria a tendência auto realização, tanto na infância quando na idade adulta.

2.5 RELACIONAMENTO INTERPESSOAL E AMBIENTE FAVORÁVEL.

Há uma característica da qual não só os seres humanos, mas todos os seres vivos possuem em seu organismo, que Rogers caracteriza como sendo inata, uma força que nos impulsiona à vida, crescimento, a nos tornar congruentes, ativos do nosso eu e a um funcionamento saudável, o qual chamamos de tendência atualizante. Rogers (1997) citado por Saraiva (2007, p. 27) afirma que

É este impulso que é evidente em toda vida humana e orgânica, expandir-se, estender-se, tomar-se autônomo, desenvolver-se, amadurece-a tendência a expressar e ativar todas as capacidades do organismo na medida em que tal ativação valoriza o organismo ou o self.

Essa característica à tendência atualizante, ou auto realização, é uma estrutura do organismo, que nos remete a saúde do sujeito, segundo Maslow, a satisfação das necessidades humanas, está disponível a todos, porém poucos conseguem por inúmeros fatores que influenciam. Pessoas que entendem essa disponibilidade, e principalmente compreendem tais

necessidades, e buscam atender essas necessidades de auto realização, são geralmente plenamente realizadas, justamente por essa busca de satisfação

O impulso em direção ao crescimento (tendência atualizante) não é uma força predominante no organismo, principalmente humano, é sim uma força que de maneira fácil, no decorrer da vida é sabotado por outras forças que se sobrepõem a esse impulso.

Essa fragilidade fica explícita em crianças, o funcionamento desse impulso, como dito antes, inato, passivo à imposição social, familiar e interpessoal que se sofre nessa fase da vida, faz com que essa força não haja de modo livre, sendo o tempo todo atrapalhada por circunstâncias presentes e passadas que mantém a incongruência do eu (*Self*).

[...] há todas as razões para se supor que a relação terapêutica constitui apenas um exemplo de relações humanas, e que a mesma legitimidade rege todas estas relações. Dessa forma, parece razoável levantar a hipótese de que se os pais criarem com seu filho um clima psicológico do tipo que descrevemos, então a criança se tornará mais autodirigida, socializada e madura (ROGERS, 1961, p. 43).

A afirmação acima de Rogers deixa claro como as crianças tendem a sofrer mais com o clima social/familiar, pois é nessa fase que os nossos ajustamentos são o tempo todo julgados, e quase sempre voltados para uma das condições que mais contribuem para essa fragilidade que sobrepõe a tendência atualizante, que é a afetividade. Quando crianças, julgadas por nossas expressões, de quem somos de fato, buscamos nos resguardar de nos expormos para garantir a aprovação do outro. Essa inibição nos torna frágil, porque essa condição que nos propusemos a viver nos distancia do *Self*. Essa condição de valor cria na nossa estrutura psicológica o que chamamos de *Self Ideal*.

Subjacente a essa tendência atualizante existe uma característica também inata do ser humano que contribue para o crescimento psicológico do sujeito e age de forma natural no indivíduo. O indivíduo tem a capacidade de se tornar consciente de seus desajustes quando as experimentam consciente. Segundo Rogers citado por Rosenberg e Vilela (2006, s/p)

Quando [...] alguém realmente o escuta sem julgá-lo, sem tentar assumir a responsabilidade por você, sem tentar moldá-lo, é muito bom. [...] quando sinto que fui ouvido e escutado, consigo perceber meu mundo de uma maneira nova e ir em frente.

Experienciar, como fora conceituado acima, é um processo do crescimento psicológico do sujeito, pois são nas experiências das quais o sujeito tem a oportunidade de verbalizar sem se deparar com condições de valor, que se pode ter contato mais claro com a incoerência acerca da imagem que tem, autoconceito, e as experiências reais.

A experiência que o sujeito tem acerca de circunstâncias da vida vai de encontro ao crescimento psicológico, quando Rogers defende que o processo de ajustamento não é estático, é um processo que envolvem aspectos da vida do sujeito que envolvem também aprendizagens. O mundo fenomenal, ou seja, o da experiência,

[...] não representa uma acumulação de inumeráveis aprendizagens e condicionamentos efetuados na mesma direção [...]. Essencialmente é uma Gestalt cuja significação vivida é suscetível de mudar sensivelmente (e até mesmo sofrer uma reviravolta) em consequência da mudança de qualquer destes elementos (ROGERS, 1959, p. 167).

As relações facilitadoras descritas por Rogers como relações na qual um dos sujeitos está menos incongruente, surgem como o papel do terapeuta na clínica, que é o de estabelecer um relacionamento genuíno, no qual o sujeito possa ver, e ter contato com seus desajustes, pois de fato, uma relação genuína envolve, dentre outros fatores, uma maior aceitação, facilitando então que o sujeito se aceite, como de fato é (Self). Tal condição é caracterizada por Rosenberg (2006) como uma comunicação não violenta.

Lembrando que a força e a auto realização é inata ao ser humano, e uma estrutura do organismo, é muito comum que essa força seja sabotada pela interação do ser humano, e com o que ele experiência no meio em que está inserido, e como são assimiladas pela criança.

As relações que as crianças estão inseridas, são de extrema importância para um desenvolvimento saudável, em consequência desse desenvolvimento, a auto realização é facilitada nesse constructo. Para Vygotsky (apud DAVIS; OLIVEIRA, 1993, p. 56) “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”.

A ideia descrita por Vygotsky (1896-1934) acima, vai ao encontro com as relações descritas por Rogers (1902-1987) como sendo facilitadoras ou não para o desenvolvimento do ser humano, principalmente no que se relaciona ao aceitar-se. Um ambiente que favorece o sujeito implica em três características, que trazidas do setting terapêutico para vida cotidiana são de vital importância para esta condição, são elas a aceitação positiva, empatia e congruência, encontradas em várias publicações, dentre elas na de Laurinda Ramalho de Almeida (2009):

- **Aceitação positiva:** O olhar incondicional positivo é um processo terapêutico que envolve aceitar o outro genuinamente, suspendendo julgamentos em relação ao outro. Essa relação tem como por objetivo, fazer com que o sujeito à sua frente, sinta-se, mediante a situação apresentada, aceito, simplesmente por ser.
- **Empatia:** A empatia é um sentimento raro, um milagre. A empatia vai além do simplesmente doar-lhes ouvidos ao que o outro diz, mas dar ouvidos ao que o outro expressa através do que é dito. A relação empática é sobretudo estar atento a mensagem que o outro transmite.

- **Congruência:** A congruência, em outras palavras é ser autêntico, com outro, e consigo mesmo. Essa autenticidade só é possível, ou mais provável de acontecer quando as outras duas características são percebidas pelo sujeito em questão.

As ideias do contexto clínico das quais são aplicados na Terapia Centrada no Cliente, desenvolvida por Rogers, as características acima podem ser empregadas e serem facilitadoras em diversas áreas da vida do sujeito. A aceitação positiva talvez seja, nessa fase da vida, a mais importante expressão de cuidado e que irá garantir que a criança se desenvolverá saudável no que tange à perspectiva humanista como afirmam Maia, Germano, Moura (2009, p. 39)

Percebe-se, então, que o indivíduo possui uma necessidade de *consideração positiva*, ou seja, é preciso que sua noção de eu seja confirmada para que este siga o rumo de sua tendência atualizante. Essa consideração positiva localizada externamente ao indivíduo, aos poucos, vai se tornando *consideração positiva de si*, isto é, à medida que o sujeito vai tendo sua noção de eu aceita, ele vai, cada vez mais, aceitando-se a si próprio de forma a seguir o seu curso de auto-atualização.

Como dito acima o apoio muitas vezes dada a uma determinada pessoa, não era nada além do condicional, isso faz com que as pessoas tendam a não se expressarem justamente por não serem aceitas.

A aceitação incondicional como também se refere Rogers esse movimento interpessoal, facilita com que as pessoas se expressem e aprendam a se expressar sem medo de que o outro irá julgar, podendo assim, expressar suas verdadeiras emoções e sentimentos sem o medo da rejeição. Segundo Rogers (1902-1987), citado por Azevedo (2017, s/p)

Consideração positiva incondicional significa que quando o terapeuta está experimentando uma atitude positiva, aceitando como o cliente é, naquele momento, o movimento terapêutico ou a mudança é mais provável. Envolve a vontade do terapeuta para o cliente ser o sentimento que está acontecendo naquele momento – confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho. O terapeuta premia o cliente de uma maneira total e não condicional.

Agora transportemos todo esse cuidado para a criança que quer se expressar. Vai ser de vital importância para o desenvolvimento saudável da criança, facilitando o movimento da tendência atualizante. O processo empático é como Rogers diz: olhar a vida pelo olhar do outro, é um processo que advém da aceitação positiva. É não julgar, mas sim, procurar compreender os sentimentos expressos pelo sujeito. Segundo Rosenberg (2006, p. 133) a empatia é “a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo”.

Essa característica tem a sua importância ainda mais acentuada quando se trata de criança. Reprimir o sentimento expresso pela criança fará com que ela tenha dificuldade para que ela reconheça a si e seus sentimentos como discorrem Guimarães, Neto (2015, p. 60) “ao fazer isso, a sua percepção de si começa a ser distorcida, uma vez que seu organismo sente e deseja ser de outro modo”.

A congruência, nesse caso, vai além de reconhecermos nossos próprios sentimentos, também vai acerca de ser verdadeiro com o outro. Essa condição proposta por Rogers, faz com que o outro verbalize e sinta que irá receber uma resposta honesta acerca de sua realidade, seja ela comportamentos e/ou sentimentos. Além dessa verdade, o ambiente na qual a criança está inserida, servirá de modelo, para que este, entre em contato com quem é, de fato, e tornando-se um sujeito congruente. Essa relação fica clara no contexto clínico assim descrito por Rogers citado por Vasconcelos et al. (2017, p. 12)

Em primeiro lugar, a minha hipótese é que o crescimento pessoal é facilitado quando o conselheiro é aquele que, na relação com o cliente, é autêntico, sem máscara ou fachada, e apresenta abertamente os sentimentos e atitudes que nele surgem naquele momento.

Indo de encontro ao descrito acima, as relações que não facilitam o processo de conscientização do *Self*, são na maioria das vezes relações impositivas, encontros entre sujeitos onde um acaba exigindo do outro um comportamento que não está de acordo com o que o sujeito realmente sente, relação na qual resultará num sujeito incongruente acerca de si.

Essas relações são facilmente vistas quando o sujeito em questão é criança, nessa fase, as crianças tendem a ser para o outro, e sendo para o outro serão aceitas e sentirão que, se houver essa troca que nada remete a saúde do sujeito, a criança será amada e aceita, como poderemos ver mais adiante.

2.5.1 TENDÊNCIA ATUALIZANTE E INFÂNCIA

Como já dito anteriormente, o crescimento psicológico, em consequência a tendência atualizante, é facilmente sabotada, e existem vários obstáculos ao crescimento que surgem na infância.

A criança quando começa a tomar consciência de si (*Self*), desenvolve uma necessidade de amor, proveniente desse amor, a aceitação. “A partir desse contato afetivo que a criança se torna mais feliz, exercita a sua sociabilidade, constrói sua autoestima e aprende a se relacionar com as outras pessoas” (CHILDFUND BRASIL, s/d).

A criança tem para si o amor do outro, ou, a capacidade de ser amada pelo outro como se estivesse sendo aceita de maneira total, ou seja, quando a criança faz algo que é aprovada

de maneira amorosa, ela enxerga em sua totalidade, que seu comportamento, aceito, faz com que o autoconceito através do olhar do outro é o coerente acerca de quem ela é e o que expressar. Quando reprovadas, as crianças tendem a agir de maneira que lhes garantem o aspecto afetivo do outro, isso implica diretamente na incongruência facilmente vista na infância, já que são os primeiros contatos da criança consigo mesma. Essa condição que a criança tem de fazer para ter o amor do outro, Rogers (1959) classifica como condição de valores,

Quando uma experiência relativa ao eu é procurada-ou evitada-unicamente porque é percebida como mais-ou menos digna de consideração de si, dizemos que o indivíduo adquiriu um modo de condição de valor (ROGERS, 1959, p. 199).

Tais condições de valor são prejudiciais a criança, pois inibem a criança a desenvolver potencial para que a aceitação de si quando criança e em seu desenvolvimento seja prejudicado, já que, ela aprendeu que as crenças que envolvem essa condição são mais importantes do que serem quem elas realmente são, sentem e experimentam. O ser aceito, tornar-se figura, e o aceitar-me vira fundo, dando prioridade ao outro. Tal condição inibe a criança de elaborar tanto sentimentos que sejam agradáveis quanto desagradáveis.

Questões relacionadas aos sentimentos, criam uma discrepância entre *Self* e autoconceito. O não aceitar certos sentimentos, cria na criança uma incongruência de tal maneira que, expressar seus sentimentos sejam eles bons ou ruins sejam bloqueados, sendo que, tomar consciência e aceitar tais sentimentos, geram na criança um autoconceito, de que quais sentimentos são necessários, e de até certo modo benéficos de serem expressados, como discorre Souza

A emoção bloqueada é como um espinho cercado por um muro de pedras. Se levantarmos mais o muro, o espinho ficará ainda mais escondido, por isso, o primeiro passo é retirar cada pedra desse muro através da comunicação e do afeto (SOUZA, 2016, s/p).

As emoções revelam o quão o sujeito está congruente ou incongruente, o sujeito saudável tem a capacidade de reconhecer suas emoções, elas expressas ou não, é uma característica da qual o sujeito consciente de si e suas emoções não as rejeitam, tornando-o um sujeito equilibrado, “Sentimentos negados à consciência distorcem a percepção de e a reação às experiências que os desencadearam” (FADIMAN; FRAGER, 2002, p. 234).

Sujeitos que negam os sentimentos, experimentam uma incongruência de maneira que, entrar em contato com tal sentimento que podem trazer angústia, ansiedade. Essas características podem gerar problemas tais como; dificuldade em obedecer regras, baixa

autoestima e questões emocionais mais sérias como depressão, transtorno de ansiedade. (CHILDFUND BRASIL, s/d).

Dificuldade extra facilmente observável na maioria das crianças, que Rogers define como a capacidade de o sujeito ter a consciência do que se é experimentado de maneira incongruente, do que é real, e tornar-se capaz de lidar com o desajustamento. Esse ajustamento como já dito, não é estático, está sempre em movimento e é modificado de acordo com nossas, aprendizagens, experiências, estímulos e de como são experienciadas pelo sujeito.

Esta capacidade que reside em nós é associada a uma tendência subjacente à modificação do autoconceito, no sentido de estar realmente de acordo com a realidade (FADIMAN; FRAGER, 2002, p 230).

Crianças quando desafiadas a expressarem um sentimento aceito, quando na verdade elas querem apenas expressarem o que elas sentem de fato, tendem a agirem com impulsividade/agressividade, exemplo, quando a criança expressa seus ciúmes pela mãe, e são de imediatas reprovadas, agem de maneira que, ao invés de poderem verbalizar somente, agem de maneira agressiva, como morder a mãe, ou agirem de maneira que não condiz com o comportamento desejável de apatia.

Boa parte da importância está em se expressar quando criança, e a responsabilidade está em como essa expressão é correspondida pelo contexto familiar/social. Reprimir e/ou inibir tal expressão é rejeitar as mensagens trazidas pela criança através de um desconforto, choro, irritabilidade. Quando isso ocorre, se deixa de lado a identidade da criança, exigindo, um comportamento que seja adequado a nós, ao nosso querer (PORCIÚNCULA, 2017).

Como dito acima, essa inibição do expressar é prejudicial para o processo de tendência atualizante na infância, pois sejam elas, ruins ou boas, quando inibidas, impedimos que as crianças entrem em contato com seu mundo interno, emocional, o que fará com que não irão compreender a si mesma e não terão como elaborar o que sentem e como expressar.

O fato de não conseguirmos enxergar o que de fato sentimos, e não as elaboramos, nos afasta da tendência atualizante do nosso organismo. Isso ocorre porque quando não reconhecemos nossas necessidades esse movimento psicológico fica impossibilitado de ocorrer, seja ele na fase adulta ou na infância.

3 METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa aplicada, de natureza exploratória, objetivo descritivo, procedimento bibliográfico, pautando-se no procedimento de Análise documental. Como afirma Gil (1999), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado e publicado, constituído principalmente de livros, revistas e artigos científicos.

A escolha da metodologia se deu pela compreensão de que os muitos elementos constitutivos das narrativas cinematográficas (imagens, sons, palavras), são capazes de expressar e representar cenas e experiências cotidianas de forma livre, estruturada e plural, com realismo e sinceridade (Amont, 1995).

Carrière (1995) defende que, por meio de sua linguagem, o cinema – na perspectiva da história contada pelo roteirista e pelo diretor – retratam/recriam vivências e possibilidades de ser numa instância atemporal e de linguagem universal, clara e acessível àqueles que entram em contato com essa narrativa.

Ao adotarmos a análise de filme como metodologia de análise, optamos pelo recorte da história contada pelo filme “Onde Vivem os Monstros”, como um retrato possível e fiel ao processo de consciência do Self em crianças.

A partir da Análise do Filme “Onde Vivem os Monstros”, foi possível compreender como as Relações Interpessoais e o Ambiente Favorável podem contribuir para o processo de Consciência do Self na infância.

As análises foram realizadas a partir da revisão documental acerca da teoria humanista. Organizado de maneira que ajude o leitor numa melhor compreensão do material coletado juntamente com as explanações do filme escolhido para a análise. O procedimento foi de coletar dados e referenciais teóricos que dão suporte para as análises junto a teoria. Coletando os referenciais, foi realizada a análise técnica do filme chegando ao objetivo proposto pelo o presente estudo.

4 ONDE VIVEM OS MONSTROS

O filme “Onde vivem os monstros”, é baseado no Best-Seller americano de Maurice Sendak, nos conta a história de Max, uma criança de seis anos que mora com a mãe e a irmã. Max é uma criança que gosta de brincar e tem uma cabeça fantasiosa que cria inúmeras situações e diferentes contextos. Contendo outros personagens que são: mãe e irmã. E em sua fantasia, monstros quais os nomes são; Carol, um monstro intempestuoso, incongruente entre sua percepção do ambiente e tomada de consciência; KW, uma monstra afetiva, empática e assertiva; Bode, monstro cujo ninguém dá ouvidos, e que sofre consequências proveniente desse descaso; Judith, monstra que varia de personalidade; Ira, monstro que demonstra sabedoria e lucidez em suas verbalizações; Douglas, o monstro amigo; O Boi, monstro que é o equilíbrio em meio ao caos.

O filme começa retratando o personagem principal Max como uma criança que busca a atenção das pessoas próximas a ele. Numa determinada situação, brincando em frente sua casa, constrói um igloo que em sua imaginação é um forte, e vai até a janela chamar por sua irmã que está no telefone com quem aparenta estar conversando com seus amigos, porém Max logo tem sua tentativa de chamar atenção rejeitada pela irmã que o manda brincar com seus amigos. Apresentando uma fisionomia triste após a rejeição, volta a sua atenção para a cerca de sua casa, e começa a interagir com a cerca como se fosse um amigo, utilizando de toda sua imaginação, porém, ao perceber que a mesma não interagia e assim então se tonará indiferente a ele, começou a chutá-la, mandando-a brincar com seus amigos pois não passava de uma cerca.

Em sequência, chegam alguns amigos de sua irmã, Max então começa uma grande brincadeira ao jogar bolas de neve nos amigos de sua irmã, e aquilo vira uma tremenda diversão, porém, quando corre para seu forte, um dos amigos de sua irmã pula sobre ele, acabando com seu forte e machucando Max, o que era uma brincadeira, torna-se então um drama quando começa a chorar, olhando para sua irmã como quem espera uma consideração afetiva Max mais uma vez é rejeitado pela irmã. Numa mistura entre frustração, tristeza e

raiva, Max corre até o quarto de sua irmã e despeja toda a neve acumulada em sua vestimenta, e quebra uma lembrança dada por ele a irmã. Logo em seguida, em seu quarto, deitado em sua cama, aparentemente triste, começa a observar alguns adereços decorativos em seu quarto, como um globo terrestre dado ao seu pai com frase “ Para Max, dono do Mundo, amor papai”, um ninho com que se parece muito com um lugar seguro, um forte, com dois blocos de montar dentro, e um barco, no qual Max brinca, como se estivesse viajando para um mundo no qual toda aquela tristeza pudesse sumir.

Mais tarde, a mãe de Max chega, o vendo triste deitado em sua cama, pergunta o que houve, e ele narra o que aconteceu mais cedo, e diz que sua irmã não fez nada a respeito. Então sua mãe percebendo o desapontamento e tristeza em sua fala, diz a ele que se fosse ela teria feito algo. Em seguida, enquanto sua mãe trabalha, Max tenta de todas as maneiras chamar a atenção de sua mãe, dançando, batendo a cabeça contra a parede até cair no chão, e ficar deitado debaixo da mesa em que sua mãe está trabalhando. Ali, deitado, começa a acariciar o pé de sua mãe, percebendo o carinho, ela diz que precisa de uma boa história e solicita a ajuda de Max que conta uma história significativa, que vai ao encontro com o que sente. A história começa com prédios altos, bem altos, e vampiros, e um vampiro morde um prédio, porém seus dentes caem e começa a chorar, e seus outros amigos vampiros perguntam se não eram dentes de leite, e ele responde que não, então seus amigos o expulsam, e dizem que ele não pode mais fazer parte do grupo por não possuir mais dentes.

No dia seguinte, na hora do jantar, sua mãe está com o namorado na sala enquanto brinca em seu quarto. Usando toda sua imaginação e criatividade, constrói outro forte e chama sua mãe para, porém, mais uma vez é frustrado. Então começa a dizer que tem um foguete, e que o chão está cheio de lava, e o foguete está partindo e oferece o único lugar disponível a sua mãe, mas mais uma vez vê sua tentativa frustrada. Logo, sua mãe chama Max e sua irmã para jantarem, e grita para que ela retire as coisas da mesa. Max coloca seu traje de monstro, e desce as escadas descontente e observa o quanto sua mãe está feliz com o namorado. Sentindo-se ameaçado, Max começa a agir impulsivamente, subindo na mesa, gritando com sua mãe que pede para que ele pare, pois está recebendo visita, não sendo atendida, começa a correr atrás de Max, os dois se agarram e Max a morde, sua mãe pergunta o que está havendo com ele, chorando, Max disse que não era culpa dele, e sai correndo pelas ruas, em desespero, até chegar em um matagal, onde com um pedaço de madeira, começa a bater em tudo gritando que os odeia. Calmo, apresenta um olhar perdido, sem saber bem o que está acontecendo, continua olhando para o nada, enquanto uma leve brisa toca em seu rosto.

4.1 CENA 01: CAMPO EXPERIENCIAL

A partir daqui e de todo o contexto apresentado acima, começa uma aventura fantasiosa de Max, mas que a luz da psicologia humanista, é interpretada como uma tipologia que representa o processo de consciência do *Self* de uma pessoa. Levando em conta que também no processo psicoterápico é utilizada através da ludoterapia, desenvolvida por Virginia Axiline (1911-1988), que utiliza dentre outras estratégias a fantasia da criança, facilitando esse contato com o íntimo e vasto universo infantil.

Facilitando o contato da criança consigo mesma através de uma relação de troca entre terapeuta e criança, assim descreve Coelho Junior (2008, p 18):

A forma de experiência que reconhece a alteridade, que foge da adequação, adaptação e perfeito encaixe entre Eu e Outro, que reconhece que algo do outro excede sempre a mim, será por sua vez sempre traumática. Trauma e excesso que pedem, que exigem, trabalho por parte do sujeito. Algo não poderá ser simplesmente assimilável. Deste modo, a experiência de contato com o outro, ou até mais, o contato original, primeiro com um outro, passa pelo inevitável impacto da não adaptação plena, da impossibilidade de adequação entre o outro e um Eu em constituição. (COELHO JÚNIOR, FIGUEIREDO, 2004, s/p)

Na aventura fantasiosa de Max, através de uma análise a luz da perspectiva humanista, poderemos ver todo o processo descrito acima na relação entre Max, fantasia e os personagens criados por ele, que passa por percalços incongruentes, a “luta” do organismo em atualizar-se promovendo um sujeito saudável, identificação com figuras, insights, tomadas de consciência, reflexões acerca de sua história e contexto, até chegar ao ponto em que ele o percebera enquanto sujeito, e dar-se conta de quem é.

A fantasiosa aventura de Max, como dito anteriormente, uma tipologia do processo de consciência do *Self* começa numa viagem, em que há uma transição da realidade vivida por Max, com todas as dificuldades abordadas acima relacionadas a sentimentos, necessidade de afeto, atenção, amor, que são obstáculos do desenvolvimento do ser humano que podem dificultar essa tomada de consciência do *Self*. Que através dessa aventura possibilitara que Max entre em contato com esses conteúdos de maneira que possa enxergá-los, refletir sobre, e trabalhar de maneira que leve a mudança e ao crescimento pessoal.

A criança de 05 a 07 anos, como descreve Harter (1999), possui capacidade de uma autoavaliação, relacionadas a quem é, quais potencialidades possuem, habilidades sociais, verbalização, por possuírem uma maior capacidade cognitiva ligadas a compreensão (apud MORENO et. al, 2015). Assim há uma facilidade em que a criança nessa faixa etária consiga criar uma elaboração acerca do contexto.

Apropriando dos fundamentos psicoterápicos e da evolução rumo à saúde psicológica do sujeito, será realizada uma análise dos pontos fundamentais do filme que elucidam uma melhor compreensão a formação do *Self* no sujeito, nesse caso, numa criança



Na cena 1, poderemos observar que as experiências no decorrer da vida da criança até o momento, elucidam a teoria de campo experiencial. “A noção de experiência aqui empregada não significa uma acumulação de experiências passadas, mas refere-se aos dados imediatos da consciência” Para Nunes (1997), isso significa que a experiência é um processo contínuo, ativo em indeterminadas situações e contextos na vida do sujeito.

Após o período de transição parafraseada pela viagem em seu barco a uma ilha, Max se depara com alguns monstros, despercebido pelos mesmos, se depara com um ambiente caótico, destruído, e observa Carol destruindo tudo a sua volta furioso, enquanto outros monstros se recusam a ajudá-lo por gostarem do que está sendo destruído, por não acharem necessário o comportamento de Carol. Diante da indiferença dos outros, continua a destruir tudo, inclusive suas cabanas. Perguntando se ninguém ficará do seu lado, e de novo se deparando com a indiferença, apresenta uma tristeza verbalizando que ele mesmo ficará ao seu lado, sozinho, que é o único que liga se vão ficar todos juntos ou não. Observando, e se enxergando em Carol, Max levanta e sai correndo, destruindo tudo o que pode, no intuito de ajudar Carol.

Tal movimento de Max deve-se a imagem de si que é constituída por todos os acontecimentos no campo de experiencial até o momento. Rogers e Kinget (1977) explicam que a

Imagem do eu (ou de si) serve para designar a configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu como o outro, com

o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções. Esta configuração se encontra num estado de fluxo contínuo. (...). Outra característica importante desta configuração experiencial é que ela é disponível à consciência – ainda que não seja plenamente consciente (a noção de imagem não pode, portanto, ser tomada num sentido visual ou concreto). (p.165).

Como referenciado acima, a experiência de Max ao demonstrar raiva, por se sentir ameaçado pela figura masculina representada pelo namorado da mãe, ainda que não tenha sido de maneira assertiva, na qual clarificasse para mãe sua insatisfação, foi reprimido pela mãe.

Essa repressão pode desenvolver uma relação caracterizada como condições de merecimento, ou seja, quando o que a criança sente, elabora e suas ações são diretamente ligadas ao sentimento negativo da mãe, abre mão do seu “EU” na intenção de garantir um sentimento positivo, como discorre Beserra (2012, s/p)

Ocorre que na infância, a criança desenvolve junto a sua experiência, um processo contínuo de avaliação, o que pode contribuir na formação do *Self* ou inibi-lo, visto que, além de ter uma necessidade de consideração positiva incondicional, a criança percebe que suas ações são avaliadas, com isso sofrem uma interferência do processo avaliativo de seus pais

[...] se vemos que os outros nos aceitam de modo independente de nossas ações, então passamos a acreditar que somos valorizados incondicionalmente. Porém, se percebemos que alguns de nossos comportamentos são aprovados e outros desaprovados, então vemos que nosso valor é condicional. (ROGERS, 1976, p. 198)

Característica de sujeitos que sofrem com essa interferência social/ambiental é o distanciamento do *Self*, gerado por um autoconceito falso. A criança se submete a uma relação e experiência uma simbolização distorcida do verdadeiro eu, como discorre Rogers citado por Araújo e Freire (2014, p. 96)“ [...]...quando ocorre um desacordo, a tendência orgânica pode ser contrária à tendência que ocorre no Eu (*self*)”

O distanciamento do “Eu” ocorre quando a criança ao invés de tomar atitudes relacionadas a suas experiências internas, direcionam para as externas. Como consequência, cada vez que uma atitude é tomada “rejeitando” vai gerando na criança uma noção idealizada. A qual, veremos mais adiante.

De encontro a essa relação de condição de valores, quando Max, numa clara manifestação da relação de si mesmo, e com o outro, sai correndo no intuito de ajudar uma figura que representa uma relação de proximidade do que ele quer expressar, no caso Carol,

experimenta o que para Rogers caracteriza como sendo a experiência da livre expressão de sentimentos que foram reprimidos em alguma parte da vida do sujeito. Essa experiência poderá implicar uma mudança nas percepções do sujeito consigo e com o que é vivido.

4.2 CENA 02: SELF IDEAL E INCONGRUÊNCIA



Na cena 02, Max ao ser notado e perguntado pelos monstros o que ele era e sofrendo uma interferência externa com o iminente perigo de poder ser comida pelos monstros e para não ser devorado, grita – Não! - conta uma história cheia de perigos e fantasias. Max tem poderes de outra terra, de tempos antigos, já lutou contra perigosos e grandiosos Vikings, fez suas cabeças explodirem, até perceberem que Max sabe todos os segredos do mundo, inclusive tem um escudo anti-tristeza, então o tornaram rei deles. Após ouvir as incríveis histórias de Max, os monstros o também fizeram rei deles. Como já referenciado no capítulo anterior a este, a experiência do sujeito não está ligada apenas ao passado, acumulativo, mas é presencial, está sempre acontecendo. Como discorrem Rogers e Kinget citados por Maia et al (2009, s/p)

Assim, as experiências seriam tudo o que se passa no organismo em qualquer momento, estando potencialmente disponíveis à consciência. Esta se refere à simbolização, ou seja, uma representação, não necessariamente verbal, de uma experiência vivida. A totalidade das experiências constitui o campo fenomenal que seria a estrutura de referência da pessoa, ou seja, o modo como ela capta a realidade de uma forma global, abarcando fenômenos que estão conscientes e não conscientes

Já tendo passado pela experiência de ter que se adequar às interferências externas, a incongruência no discurso de Max, agora, na necessidade de ser aceito positivamente pelos

monstros trabalha como uma defesa do organismo, captando a simbologia que os monstros representam.

A medida que as experiências ao longo da vida vão se distanciando do “Eu real”, o sujeito passa a distorcer algumas experiências, e cria uma idealização de si, chamado de Self Ideal, que surge em diferentes situações e sentimentos como afirma Rabelo

Quanto mais há desacordo entre o "eu" e a experiência, mais o comportamento fica incompreensível e a personalidade desequilibrada. Quando o indivíduo se encontra em estado de desacordo sem se dar conta disto, é potencialmente vulnerável à angústia, à ameaça e à desorganização (RABELO, s/d, s/p)

O self ideal demonstra a vulnerabilidade que a criança se encontra, quando as relações com os monstros vão passando com o tempo. Max discrimina o fato de ser uma criança três vezes menor que os monstros, que é frágil para as brincadeiras propostas por ele de jogar gigantes bolas de barro uns nos outros. Sobre essa discrepância e simbolizações distorcidas, Castelo Branco Afirma (2010, p. 45) que "(...) essas simbolizações distorcidas negam à consciência certas experiências sentidas diretamente pelo organismo, e ensejam desajustes psicológicos, impedindo uma abertura para a experiência em foco e inibindo uma abertura para novas experimentações"

Vulnerável, Max no meio da brincadeira sente algumas das sensações já explanadas acima como ansiedade pelo iminente risco de se ferir, triste por ver que um dos monstros (Bode) se machuca quando ordena que Douglas o acerte com o barro. Porém, percebendo Max que os outros monstros começaram a questionar os sentimentos de tristeza explanados pelo Bode, Max logo discrimina os sentimentos e experiência como tristeza, e empatia pelo Bode para continuar a guerra. Ao encontro a cena descrita, Araújo e Freire (2014, s/p) afirmam que

Em estado de incongruência, frente a uma necessidade iminente e considerando a relação entre organismo e eu (*self*), o comportamento só ocorre por meios que estejam em coerência com a concepção inconsistente que o eu faz de si mesmo (noção-de-eu). Na maior parte dos casos, dentre as possibilidades de se comportar o indivíduo escolhe aquela que não lhe exige qualquer distorção, interceptação ou negação na simbolização da experiência orgânica.

Ocorre que Max, num estado de negação, junto às suas experiências até o momento, de se sentir só, brincar só, sentir rejeição, e enfim tendo encontrado um grupo social no qual se encaixa, mesmo que sendo como já explanado outrora nesse percurso de análise do filme

uma falsa definição do “Eu” caracterizada pela idealização, sente-se mais seguro, mais integrado como um todo, avaliando continuar com a brincadeira como sendo o mais aceito entre os monstros.

Todavia, tal comportamento diante da experiência pode se tornar um facilitador ao crescimento psicológico do sujeito como afirmam Araújo e Freire (2010, s/p)

Ocorre nesse caso uma distorção, interceptação ou negação da necessidade ou mesmo de seu comportamento. Estas são situações, dentre outras possíveis, em que a pessoa sente que algo está fora de seu controle ou percebe que as coisas não acontecem como gostaria.

O que parecia uma brincadeira acaba se transformando em um caos quando um dos monstros (Bode) se machuca, e Carol e KW começam a discutir por conta de uma brincadeira de pisar em cima da cabeça que KW fez com Carol. Como referenciado acima, Max, percebendo que o contexto já descrito havia saído do controle, que todos estavam insatisfeitos, que KW decidirá de novo abandonar o grupo, que o Bode havia se machucado, percebe que as situações provocadas por suas ações estão completamente fora de controle. No próximo capítulo, veremos as consequências dessa tomada de consciência de Max.

4.3 CENA 03: FASE NÃO-DIRETIVA



Após a desastrosa brincadeira proposta por Max sair de controle e Max se isolar por um tempo, no que parece estar pensando sobre o que havia ocorrido e suas ações, grita por Carol aparentando estar angustiado com a situação. Max continua isolado em meio a tristeza e solidão até o dia seguinte.

Na cena descrita acima, Max apresenta uma condição facilitadora ao crescimento psicológico, que vai ao encontro a primeira fase do desenvolvimento da teoria de Carl Rogers. Tal fase é caracterizada como não-diretiva, assim é descrita por Graziottin (2010,s/p)

O terapeuta, através dela, não guia ou orienta o processo, e sim, segue o caminho traçado pela única pessoa que realmente conhece o “mapa”, o cliente, facilitando com isso, a busca de suas próprias respostas e verdades e, conseqüentemente, uma atitude do cliente de responsabilizar-se pela sua vida

Sendo orientado por suas próprias experiências e tomada de consciência, Max parece refletir acerca de suas ações e conseqüências passando pelo processo terapêutico no qual Moreira (2010, s/p) cita que “[...] o objetivo da psicoterapia é ajudar o cliente a usar plenamente sua experiência no sentido de promover uma maior congruência do self e do desenvolvimento relacional”. Esse movimento de Max, facilitará o processo de congruência, logo a formação de *Self*.

Ressaltando que “o *self* rogeriano pode ser encarado como uma condição consciente e reflexiva de si, que possui e fornece significados com os quais a pessoa identifica-se e a partir dos quais percebe a realidade” (MAIA, GERMANO, MOURA, 2009, s/p).

Ao encontro do que fora referenciado acima, a não diretividade, ou seja, o tempo do sujeito para se ajustar, essa fase do crescimento psicológico de Max “Dá maior ênfase aos aspectos de sentimento do que aos intelectuais, enfatiza o presente do indivíduo em vez de seu passado, tem como maior foco de interesse o indivíduo [...]” (MOREIRA 2010, s/p). Ou seja, tais condições facilitadoras são vividas no agora, onde o Self e organismo tem a possibilidade de se ajustar.

4.4 CENA 04: AUTENTICIDADE E INSIGHT



No dia seguinte, Max anda pela floresta sozinho aparentando estar triste, contempla o oceano e vai até a fortaleza onde deveria proteger todos da tristeza, porém, chegando, se depara com o monstro que se machucou (Bode) triste, sozinho, senta ao seu lado e percebe um machucado, questiona se foi das bolas de barro, e o Bode responde que sim, dizendo que foi quando Max mandou Douglas acertá-lo, Max então diz que sente muito pelo o que fez. Triste e incongruente, Bode diz que está tudo bem. Max então percebe que ninguém presta atenção no Bode, ainda que o mesmo tenha tentado por várias vezes ser ouvido, verbalizando que Max tenha percebido isso, pondera dizendo que Max não deve saber como é se sentir assim sendo o rei, Max apenas se contenta em aparentar se sentir triste com tal afirmação. Logo, o Bode percebe que na verdade Max não é rei, é apenas normal.

O que ocorre nesse momento é uma relação terapêutica livre de expressões que “Durante o desenrolar do processo terapêutico, na clínica rogeriana, o sujeito consegue expressar livremente os seus sentimentos até então reprimidos, e essa experiência provoca inevitavelmente uma modificação da percepção de si.”, diz Garcia (2015,p.18) por consequência, a verbalização livre de interferências externas que inibissem tanto a expressão autêntica de Max e do Bode possibilita a Max uma modificação na percepção acerca de si.

Essa percepção de Max, sobre si é o que Rogers caracteriza como sendo insight. De acordo com Rogers (2005)

Neste momento, o termo implica a percepção de um novo sentido na experiência do indivíduo. Ver novas relações de causa e efeito, alcançar uma nova compreensão do sentido que têm os sintomas da conduta, compreender o modelo do próprio comportamento – essa aprendizagem constitui a compreensão (ROGERS 2005, p. 187).

Max então, numa relação autêntica, começa a perceber que outros “sofrem” com os mesmos sentimentos, que tais sentimentos podem ser elaborados.

Em um ataque de fúria, ao perceber que nada estava do jeito que queria, Carol começa a questionar os poderes de Max assustando a todos. Carol então, pede ajuda para destruir o “forte” construído por todos. Dessa vez, Max grita por várias vezes que Carol não tem direito de destruir, pois o forte é de todos, todos ajudaram a construir.

Diferente do comportamento no início quando Max ajudou Carol a destruir. Nesse momento, Max vê Carol e seu comportamento como um espelho de quem ele era, elucidando a sua autoimagem que não necessariamente haverá uma verbalização de acordo com Holanda

A elucidação já intervém numa outra esfera da comunicação, a esfera dos elementos não manifestos, visa, portanto, tornar evidentes sentimentos e atitudes que não decorrem diretamente das palavras do indivíduo, mas que podem ser razoavelmente deduzidos da comunicação ou de seu contexto (HOLANDA, 2009, p. 54).

Em seguida, Carol grita com Max dizendo o quão horrível ele é como rei. Douglas chama atenção de Carol dizendo que Max não é rei, é apenas uma criança fingindo ser rei. Furioso, Carol arranca um braço de Douglas, assustando Max que sai correndo.

Observando o comportamento de Carol numa totalidade, Max apresenta uma dinâmica de mudança através da reversão figura-fundo. Anterior as experiências facilitadoras de Max, o comportamento de Carol era o sentimento mais latente de Max, sendo figura, passa a ser fundo depois das experiências que facilitaram e estão facilitando o processo de crescimento psicológico através da formação do Self, como discorre Lerner (1974, p. 80) citado por Holanda "Esta liberdade, esta ausência de pressões, que emanam do reflexo do sentimento, permite que o cliente progrida até uma crítica cada vez mais objetiva de suas 'experiências' e valorações conexas".

O insight é um processo de tomada de consciência necessário para a mudança do sujeito, como discorre Gondra (2005, s/p) o insight vai além dos processos cognitivos, o insight também se caracteriza por um processo de reorganização interna do sujeito, que são duradouras e profundas.

4.5 CENA 05: EMPATIA E ACEITAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL



Após correr de Carol, amedrontado, assustado, desamparado, KW puxa Max e o esconde de Carol e sua fúria dentro de seu estômago.

Na cena descrita acima, observa-se uma atitude facilitadora de KW, a empatia, assim descrita por Araújo e Freire (2010, p. 100)

A empatia, além de estar relacionada à consideração positiva incondicional, também se alia à autenticidade, de modo que o psicólogo procure ouvir-se e perceber com que lentes olha para o cliente, para assim, poder colocá-las de lado, a fim de melhor compreender a forma como o cliente percebe a si mesmo.

Quando KW, no decorrer da história, procura ouvir Max, compreender sua história, com suspensão de julgamento, facilita que Max, através dela e de sua atitude mude suas atitudes outrora incongruentes e desajustadas. Nesse contexto apresentado, Rogers (1992) citado por Moreira e Torres (2013, s/p)

explica que, quando o terapeuta participa da relação com seu cliente fazendo interpretações e avaliando, suas distorções participam com ele, mas quando este tenta compreender o outro de forma completa, é menos provável que ocorram distorções e desajustes; e para que a empatia exista na relação, é importante que o psicoterapeuta esteja atento ao que seu cliente está sentindo.

Assim, facilitando que Max entre em contato com o seu “Eu” com maior precisão, o que facilita a mudança.

Dentro do estômago de KW, Max ouve o diálogo cheio de fúria, com Carol dizendo que disse que iria comê-lo, que só queria que todos ficassem juntos, e quando pergunta a KW se ele é realmente tão mal quando Max disse, até KW manda-lo embora. KW então em um

diálogo com Max ainda dentro de seu estômago, perguntando se Carol nunca irá mudar de atitude. Max então diz que ele não quer ser assim, está apenas assustado e que os monstros são a única família de Carol.

Nesse momento, ocorre uma outra atitude facilitadora, que é a aceitação positiva incondicional. Essa atitude é reconhecer o outro, um ser que existe e tem sua história de vida, diferente de nossos padrões e julgamentos, não cabe nessa atitude avaliar, mas sim compreender e aceitar o outro (ARAÚJO; FREIRE. 2014, p. 56). Essa atitude pode ser vista tanto na atitude de KW, quanto na de Max, que experimentou tal sentimento.

Logo depois, Max pede para que KW o retire de seu estômago. Nessa cena, há um valor simbólico, pois é nesse exato momento que Max, depois de todo o processo percorrido, dos percalços, distanciamento do “Eu”, incongruência, idealização de si, renasce, pois, a vida é um processo ativo, com o organismo sempre em direção ao seu crescimento, se atualizando como afirma Duarte (2004, s/p)

Trata-se de uma tendência à realização que se expressa num processo natural à manutenção ou ao crescimento do organismo. Ela pode ser impedida, mas não destruída sem destruir o organismo. Assim, mesmo vivendo em condições desfavoráveis, adversas, o ser humano continua empenhado na busca do seu desenvolvimento, usando os recursos que acredita serem os únicos disponíveis. Inclusive os comportamentos estranhos, doentios e destruidores são reveladores dessa tendência, que é capaz de fazer emergir a capacidade humana de criar e aprender.

Assim, pode-se afirmar que, todo o contexto até o momento experienciado por Max, sejam eles desfavoráveis ou favoráveis, não inibiram o organismo de se atualizar quando o contexto se apresentava desfavorável, e facilitaram esse movimento, isso se dá por meio de relações interpessoais e ambientes favoráveis,

4.6 CENA 06: SELF REAL E CONGRUÊNCIA



Numa conversa com Carol, Max conta que não é viking, nem rei, nem nada do tipo, perguntando sobre quem é, responde que é o Max. Carol então sai dizendo que não é grande coisa

Na cena apresentada, após o período incongruente, sem saber identificar seus sentimentos, sem saber ao menos quem era, Max demonstra congruência acerca de quem é, pois apresenta uma condição reflexiva e consciente sobre si mesmo, e quando isso ocorre harmoniosamente entre significados, identificação e realidade, o sujeito está numa condição congruente, (MAIA, 2009, s/p).

Esse sujeito é caracterizado como Self Real. Assim descreve Rabelo (2010, s/p)

Rogers percebeu a importância do "eu" através de suas experiências com clientes em psicoterapias, no qual o "eu" era visto por ele como um padrão organizado de percepções, sentimentos, atitudes e valores que o indivíduo acredita ser unicamente seu. De maneira geral o "eu" se refere à auto-imagem ou uma conscientização de si mesmo.

Ou seja, quando se alcança tal condição referenciada acima, e o sujeito tem a condição de experimentá-los, fica mais fácil elaborar situações das quais podem ser desfavoráveis e favoráveis ao sujeito em questão. O estado de congruência, quando alcançado, experimentado pela criança, tem uma importância ainda maior, pois ser congruente é o momento em que a pessoa possa ser ela mesmo, dentro de uma relação, Rogers (2015). E como dito anteriormente, ter a condição de crescer e fornecer a criança, facilita futuras experiências do sujeito.



Os benefícios da formação de Self na infância é que quando mais o sujeito experimenta essa condição, mais possibilidades desenvolve para enfrentar diferentes situações.

Quando nos tornamos adultos, essas experiências que são incongruentes com nosso autoconceito podem tornar-se ameaçadoras e manifestarem-se como ansiedade. Por exemplo, se no nosso autoconceito existe a crença de que amamos toda a humanidade, ao encontrarmos alguém que odiamos, é provável que desenvolvamos ansiedade, pois odiar não é congruente com a imagem de nós mesmos como pessoas afetuosas. (FREITAS, 2012, s/p)

Ou seja, saber quem somos, o que sentimos e o que podemos fazer com isso em determinadas experiências, é saber que, ser e existir é genuíno e subjetivo de cada pessoa. Ter a capacidade, e uma condição psicológica saudável é que vai determinar como agir mediante aos contextos.

Max então, faz o trajeto em seu barco, em um mar calmo, de volta para sua casa. Corre pelas ruas demonstrando felicidade, ao chegar em casa, recebe um afetuoso abraço da mãe que demonstra alívio com a volta de Max. Então, faminto, degusta um bolo enquanto é observado com ternura pela mãe até pegar no sono. retribuindo o olhar afetuoso, Max a observa, o que nos dá a impressão de que ali, ele enxerga uma infinidade de possibilidades e afetos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando da análise de filme, que no decorrer da sua história vem como uma paráfrase da vida real, em que personagens por vezes fictícios interpretam a vida cotidiana e a realidade das pessoas, incluindo seus contextos de vida e experiências subjetivas. Foi possível discorrer no presente estudo, características do filme, observadas na teoria humanista. Para que as pessoas se identifiquem com personagens, histórias e contextos, a narrativa deve conter aspectos característicos das pessoas.

Foram apresentados, segundo a perspectiva humanista, conceitos que dificultam esse processo, demonstrando a importância das relações e ambientes no qual a criança está exposta e vivenciando. Caracterizações da perspectiva humanista, tais como a criança percebe o mundo a sua volta, como relaciona o mundo externo e o seu vasto mundo, a elaboração de conteúdo, experiências, valores experienciados pela criança, servem de tipologia para os conceitos apresentados no decorrer do corpo teórico.

Respalado dos conceitos apresentados, foi realizado a análise de filme separando cenas que trazem interpretações do processo de formação de self, apresentado pela criança, relações interpessoais e ambiente. Acerca do processo da conscientização de Self, foi possível ver através da viagem fantasiosa de Max o percurso que o indivíduo/criança para chegar no nível de saúde psicológica, no qual o sujeito apresenta congruência entre experiência, tomada de consciência, verbalização e autenticidade, dando conta de si, elaborando conteúdos e sendo um indivíduo ativo e autor de sua própria história.

O trabalho de conclusão de curso se faz importante visto que explicar sobre o assunto trouxe desafios, sendo relevante como um documento literário disponível visto que a pouco material acerca do tema.

Tendo em vista a importância literária já apresentada acima, o estudo pode se fazer necessário para artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, apoio teórico para atendimento infantil em diferentes campos da psicologia.

O trabalho também se faz importante, visto que, a demanda psicoterapêutica relacionada a criança está cada dia maior, fazendo necessário um estudo mais aprofundado acerca do tema, podendo ser tema de livro, intervenção em clínicas, escolas, grupos de crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Consideração positiva incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. **Revista Temas em Psicologia**. 2009, Vol. 17, no 1, 177 – 190. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n1/v17n1a15.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

ARAÚJO, Iago Cavalcante; FREIRE, José Célio. Os valores e sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. **Revista da Abordagem Gestáltica, Phenomenological Studies – XX(1): 94-103**, jan-jun, 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n1/v20n1a12.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2018.

AUMONT, Jacques et. all. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.

AZEVEDO, Tiago. **A Terapia Centrada no Cliente de Carl Rogers: Abordagem Centrada na Pessoa**. 2017. Disponível em: <<http://psicoativo.com/2017/01/a-terapia-centrada-no-cliente-de-carl-rogers-abordagem-centrada-na-pessoa.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BESERRA, Adriano Pereira. **O discurso do desejo na psicanálise freudiana**. Brasília, 2012. 37p. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1260/1/Adriano%20Pereira%20Beserra.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Revisão dos aspectos monadológicos da teoria de Carl Rogers. **Rev. NUFEN [online]**. v.4, n.2, julho-dezembro, 83-98, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v4n2/a09.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2018.

BRODLEY, Barbara Temaner. O Conceito de Tendência Atualizante na Teoria Centrada no Cliente. **Revista de Estudos Rogerianos**, Online, v. 1, n. 2, p.37-49, out./nov. 1998. Disponível em: <<http://www.appcpc.com/wp-content/uploads/2013/07/O-Conceito-de-Tendencia-Atualizante1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 61.

CHILDFUND BRASIL. **Psicologia da criança**: conheça as necessidades emocionais infantis. s/a. Disponível em: <<https://www.childfundbrasil.org.br/blog/psicologia-da-crianca-necessidades-emocionais/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

COELHO JÚNIOR, N.E & FIGUEIREDO, L. (2004). **Figuras da Intersubjetividade na constituição subjetiva**: Dimensões da alteridade. Disponível em: <

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072004000100002/>.
Acesso em 27/05/2018

DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

DUARTE, Rosalia. **Cinema & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 2002. 405p.

FRAZÃO, Lilian Meyer & K. O. FUKUMITSU (Orgs.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. Summus. São Paulo. p. 77, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p. Disponível em:<https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2018.

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. **Revista: Estudo de Psicologia, 1997, Vol. 14, nº 2, 33-46**. Campinas, 1997. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v14n2/04.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2018.

GUIMARÃES, Aline P. Macedo; NETO, Melchisedech César Silva. A formação do *self* e a dependência afetiva: uma revisão bibliográfica da abordagem centrada na pessoa. **Revista Nufen: Phenom. Interd.** Belém, 7(2), 48-77, agosto – dezembro, 2015. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v7n2/a04.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HOLANDA, Adriano. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. **Revista: Estudo de Psicologia, 1997, Vol. 14, nº 2, 33-46**. Campinas, 1997. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v14n2/04.pdf>>. Acesso em: 27 de abril de 2018.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994. 249 p., il.

LEBEAU, Vicky. **Psychoanalysis and Cinema: The Play of Shadows**. London: Wallflower Press, 2001.

LERNER, M. **Introducción a la Psicoterapia de Rogers**, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974

LOTMAN, Yuri. **Estética e semiótica do cinema**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978

MAIA, Camila Moreira; GERMANO, Idilva Maria Pires; MOURA JR, James Ferreira. Um diálogo sobre o conceito de *self* entre a abordagem centrada na pessoa e a psicologia narrativa. Ceará, 2009. **Revista do Nufen - Ano 01, v. 01, n. 02, agosto-novembro, 2009**. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v1n2/a04.pdf> > Acesso em 27 de abril de 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000. 289 p.

MEARLEU-PONTY, M. (1983). O cinema e a nova psicologia. Em I. Xavier (org.). **A experiência do cinema**. Antologia. Rio de Janeiro. Edições Graal

METZ, C. (1977). **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva

MITRY, Jean. **Estética y psicología del cine**. 4. ed. Trad. Rene Palacios More. Mexico: Siglo XXI de Espanha, 1989.

MONTINI, Patricia. **Sobre o conceito de Congruência: Rogers**. 2013. Disponível em: <<http://enquantoensaio.blogspot.com.br/2013/08/o-conceito-de-congruencia-rogers.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

MORENO, M. R., et al. Desenvolvimento do Self Dialógico nos Primeiros Anos de Vida: Teoria e Pesquisas. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Out-Dez 2015, Vol. 31 n. 4, pp. 425-434. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n4/1806-3446-ptp-31-04-00425.pdf>> Acesso em : 27 de abril de 2018.

MOREIRA Virginia & TORRES, B. R. **Empatia e redução fenomenológica: possível contribuição ao pensamento de Rogers**. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000200003>. Acesso em: 26/03/2018

MUNSTERBERG, Hugo. A Atenção. In: XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 27

NUNES, M. O.. **Valores e reorganização do self**. 1997, 193p.

ORDEM NACIONAL DOS PSICANALISTAS. Disponível em:<
<http://www.onp.org.br/index.php/sobre-a-psicanalise>>. Acesso em: 02 de novembro, 2017

PORCIÚNCULA, Ribeiro. **Por que não devemos reprimir sentimentos como raiva e ciúme nas crianças.** 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2017/05/por-que-nao-devemos-reprimir-sentimentos-como-raiva-e-ciume-nas-criancas-9801136.html>>. Acesso em: 17out, 2017.

RABELO, M. S. **Uma leitura da psicologia humanista no filme um Gênio Indomável.** 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/uma-leitura-da-psicologia-humanista-no-filme-039-039-o-genio-indomavel-039-039/50105>. Acesso em: 05/05/2018

RAUEN, Fábio José. Roteiros de investigação científica. Tubarão: Editora Unisul, 2002.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**, v. 1, Belo Horizonte: Interlivros, 1977a.

ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa.** Moraes Editores. Lisboa - Livraria Martins Fontes Editora, SP, 2a. ed. Brasil, 1976.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais** I Marshall B. Rosenberg ; [tradução Mário Vilela]. - São Paulo: Ágora, 2006.

SARAIVA, C.K.C.L. **A implantação da terapia não-diretiva de Carl Rogers nas escolas de ensino fundamental.** Rio de Janeiro, 2007, 43p. Disponível em <
<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/CHRISTHIANI%20KARLA%20COUTINHO%20DE%20OLYRA%20SARAIVA.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2018.

ROSENBERG, M; VILELA, M. **Comunicação não violenta.** São Paulo: Ágora, 2006.

SANTEIRO, Tales Vilela; BARBOSA, Deborah Rosália. (Orgs.). **A vida não é filme? Reflexões sobre psicologia e cinema.** Uberlândia-Minas Gerais: EDUFU, 2013.

SCARTEZINI, L. G., Rocha, A. C. R., & Pires, V. da S. (2013). A necessidade de autoestima em Carl Rogers. **Revista FAEF**. 16. Disponível em:<
http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/hkNYQZ4GFZuVXwL_2013-5-13-15-59-41.pdf> Acesso em: 27 de abril de 2018.

SKINNER, B.F. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1981.

STOBÄUS, C. D. **Desempenho e auto-estima em jogadores profissionais e amadores de futebol**: análise de uma realidade e implicações educacionais. 1983. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

STRAPASSON, B.. **A caracterização de John B. Watson como behaviorista metodológico na literatura brasileira**: possíveis fontes de controle. Estudos de Psicologia, 17(1), pp.83-90, Natal, 2012.

TURNER, Graeme. Cinema como prática social. São Paulo: Summus, 1997

VASCONCELOS, Tatiana Cristina. Et al. Experiência no contexto da abordagem centrada na pessoa: algumas reflexões. **Revista COOPEX/FIP**, 8ª Edição - Vol. 08 - Ano: 2017. Disponível em: < <http://fiponline.edu.br/coopex/pdf/cliente=3-51a1a1e67f39b2663a48b26b2d69ab8c.pdf> > Acesso em: 27 de abril de 2018.